

*Análise comparativa da formação e da tradução da terminologia da fauna e da flora nas línguas portuguesa e italiana*

Sabrina de Cássia Martins  
UNESP/IBILCE

---

ABSTRACT

---

The present study is concerned to the comparative analysis of *fauna* and *flora* terminology formation in Portuguese and Italian languages, focalizing the contribution of color names in this process. As lexical components of natural languages, terminologies reflect the world vision of a people. For this reason, cultural differences are frequently represented in the phenomenon of denominative variation. In this way, we examine (as)similarities and linguistic divergencies in categorization and formal representation of the concepts of the area.

**Keywords:** Translation, terminology, denominative variation, *fauna* and *flora*, color names.

O presente estudo diz respeito à análise comparativa da formação da terminologia da *fauna* e da *flora* nas línguas portuguesa e italiana, tendo como principal interesse a contribuição dos nomes de cores nesse processo. Como componentes do léxico das línguas naturais, também as terminologias refletem a visão de mundo do povo que as emprega, por isso, as diferenças culturais também se manifestam nesses microssistemas lexicais, culminando no fenômeno da variação denominativa. Assim, examinamos as similitudes e as divergências linguísticas na categorização e representação formal dos conceitos da área.

**Palabras claves:** Tradução, terminologia, variação denominativa, *fauna* e *flora*, nomes de cores.

---

## Introdução<sup>1</sup>

Entendida como uma prática social, a tradução tem como finalidade última a mediação entre culturas, sem que para tanto a pluralidade, a identidade e a ideologia de cada povo sejam anuladas. Em sua vertente especializada, esse caráter mediador também está presente, visto que, para além de uma prática mecanicista e neutra, requer uma reflexão cultural e linguística. Por conseguinte, o tradutor não se reduz a um reproduzidor do conhecimento. Antes, é responsável por mediar a comunicação especializada entre interlocutores situados em contextos sócio-culturais distintos. Nesse contexto, interessa-nos observar a forma como os nomes de cores, componentes do léxico das línguas naturais derivados de uma capacidade inata ao ser humano, contribuem para a denominação de conceitos, auxiliam na sua representação conceptual e refletem as características sócio-históricas e culturais do povo que os emprega.

O presente estudo deriva de uma pesquisa de doutorado (Martins, 2017) cujo objeto se restringiu à terminologia da *fauna* e da *flora* em língua portuguesa, especificamente às espécies que integram as Angiospermas (Monocotiledôneas e Eudicotiledôneas) e os Vertebrados (peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos), cuja denominação comum envolve o emprego de pelo menos um dos seguintes nomes de cores: 'preto', 'branco', 'amarelo', 'azul', 'laranja', 'cinza', 'verde', 'marrom', 'vermelho', 'rosa', 'violeta', 'roxo' e 'anil', tipologia esta baseada nos trabalhos de Berlin e Kay (1969), Arcaini (1991) e Zavaglia (1996). A esse vocabulário chamamos *expressões cromáticas especializadas*.

Resumidamente, um dos objetivos de nossa investigação de doutorado foi o de examinar a forma como ocorre a correspondência desse vocabulário entre as línguas portuguesa e italiana. Importa clarificar nossa opção pelo termo *correspondente*, e não *equivalente*. Com efeito, assumimos uma postura que refuta a concepção de ato tradutório como a mera equiparação de sistemas ou de distribuição de rótulos automaticamente transponíveis entre as línguas naturais. No que tange à comunicação especializada, defendemos que o tradutor que se ocupa dos textos das mais diversas áreas do conhecimento, sejam eles orais ou escritos, é responsável por mediar e negociar os conflitos resultantes de discursos que envolvem interlocutores situados em um espaço e posição sócio-ideológica e cultural distintos. Por essa razão, o tradutor de tais textos precisa estar atento às sutilezas semânticas que suas escolhas podem acarretar.

---

<sup>1</sup> Trabalho complementar foi publicado na revista *Cadernos de Tradução*, em que comparamos o fenômeno da variação denominativa, motivado pelo uso dos nomes de cores, nas línguas portuguesa, inglesa e italiana. Cf. MARTINS, S.C. A variação denominativa na terminologia da *Fauna* e da *Flora*: (as)simetrias linguístico- culturais. *Cadernos de Tradução*, v. 38, n.2, p. 241-262, 2018.

Nas próximas páginas, primeiramente discorreremos sobre nosso entendimento sobre o papel do léxico na identidade cultural. Visto que nosso interesse recai sobre os nomes de cores, enfatizamos seu papel na nomeação da realidade que nos cerca e, sobretudo, na terminologia em questão. Pelo viés terminológico, discorreremos sobre a atuação desse vocabulário na ampliação lexical, que culmina no fenômeno da variação denominativa. Na parte dedicada às análises da correspondência, considerando um elenco de aproximadamente cento e cinquenta espécies que integram os grupos da *fauna* e da *flora*, examinamos as similitudes e as divergências entre as línguas portuguesa e italiana na sua categorização e representação formal.

### **O relativismo do léxico das línguas naturais**

Ao afirmar que o léxico é o acervo cultural de um povo, Biderman (2001) retoma os preceitos do Relativismo Linguístico, afirmando estar nesse nível de análise as diferenças mais sobressalientes. Em outras palavras, para a estudiosa, cada cultura traduz linguisticamente a realidade de uma determinada forma. De acordo com Whorf (1956), o sistema linguístico presente nas nossas mentes organiza as impressões que temos do mundo que nos cerca. Sendo assim, nós recortamos, organizamos em conceitos e atribuímos significados da forma como o fazemos porque somos parte de um acordo que se solidifica por meio dos nossos discursos e é codificado nos padrões da língua. Além disso, como a língua controla a cognição humana, ela também padroniza sistematicamente as experiências, moldando as ideias e as interações. Por conseguinte, os mal-entendidos na comunicação entre culturas ocorrem porque os significados de sistemas linguísticos diversos não convergem.

A versão moderada do relativismo linguístico difundido pela Hipótese de Sapir-Whorf prega que a forma como a língua categoriza o mundo influencia nossa forma de pensar, porém não é determinante para as nossas conclusões. Lee (1996) afirma que o que varia nas línguas não é o pensamento, mas o processamento conceitual. Assim, se as operações conceituais sobre os dados perceptuais variam, isso significa que a experiência, que é a única realidade sobre a qual temos conhecimento, também varia, mesmo que de forma sutil.

Nessa perspectiva, justifica-se a compreensão do processo linguístico como não-arbitrário. Ao contrário, é coagido por possibilidades do processamento perceptivo que operam juntamente a parâmetros e experiências universais que podem ser estudados de forma independente da organização linguística da experiência. Com efeito, todo homem compartilha no plano não linguístico de um conjunto de experiências que dão origem a mundos conceituais

distintos que, por sua vez, são elaborados a partir de diferentes redes de processamento conceitual, conectadas a diferentes falares.

Por conseguinte, a língua deva ser entendida em termos da sua função na comunicação humana, visando descrever o uso linguístico, sugerindo uma alternativa útil para se compreender a dinâmica das línguas e culturas. Tal concepção retoma a complexidade do ato tradutório, que ao contrário de uma tarefa simples e transparente, envolve questões que ultrapassam o sistema linguístico. Isso porque, muitas vezes, é necessário reconstruir o conteúdo de uma língua para outra, pois “[...] a comunidade estrangeira não possui apenas outras formas linguísticas, mas outro modo de pensar e se exteriorizar, apreende e analisa o universo de outra maneira, vai ao encontro dele com outro sentir e outro querer” (Porzig, 1950, 161 apud Camara Junior, 1974, 115). E essa reconstrução não é destrutiva, ao contrário, pois, como acentuado por Humboldt (1816 apud Eco, 2007), as traduções enriquecem a língua de chegada, presenteando-a com novos sentidos e novas formas de expressar o mundo.

Por essa razão, os estudos lexicais não podem ignorar as peculiaridades culturais que impulsionaram a ocorrência dos fenômenos responsáveis à evolução do léxico. Tampouco pode o pesquisador direcionar seu estudo para uma abordagem puramente objetiva, esquivando-se do universo que abriga o léxico. Como bem salientado por Bakhtin (2010), a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, por isso, é ideia, é percepção, é consciência, é convicção e interesse, sempre em relação a um *eu* com o mundo externo e com a sociedade.

Tomemos como exemplo o conjunto de unidades lexicais que nomeiam as cores. Efetivamente, trata-se de um vocabulário presente em todas as línguas, já que o ser humano tem por natureza a sensibilidade que torna possível a percepção visual das ondas eletromagnéticas em que se encontram as cores básicas. Contudo, o caminho percorrido desde a percepção visual até a expressão linguística é variável entre as línguas, resultando em fragmentações divergentes do espectro cromático. Mais ainda, originando uma riqueza lexical de proporções distintas, fruto do emprego que uma dada comunidade faz dos nomes de cores.

Para além do uso nos nossos discursos cotidianos, os nomes de cores contribuem ativamente para a formação das terminologias, mostrando-se frequentes na denominação de processos, substâncias, pigmentos, fatos sociais e, em especial, animais e plantas (Martins – Zavaglia, 2012), sendo estes dois últimos os domínios em que se localiza o nosso objeto de estudo, a saber, as expressões cromáticas especializadas, como veremos na próxima seção.

### **As cores para a variação denominativa na *fauna* e na *flora***

De acordo com Biderman (2006), também o processo de nomeação dos conceitos técnicos e científicos está intimamente ligado à cultura de um povo, isso porque, segundo Silva Filho (2010), o termo nada mais é do que a reflexão da forma como os especialistas veem o mundo, interpretação que depende das diferenças de sentir, perceber, pensar e refletir sobre a realidade e que atuam na denominação dos conceitos.

De fato, nos domínios da Botânica e da Zoologia, para além dos nomes científicos, coexistem: 1) as formas semicientíficas, adaptadas à língua vernácula e 2) as formas vernáculas, isto é, nomes comuns cuja composição apresenta diferentes motivações, e cuja proporção é variável segundo a língua analisada (Garrido, 2000). Decerto, o homem cria frequentemente novas denominações, adequadas à situação comunicacional e aos seus interlocutores, que expressam linguisticamente as relações mantidas entre o homem, a espécie e o meio ambiente. Cada uma dessas denominações, ou nomes comuns, sublinha uma característica distintiva da espécie que propicia sua identificação imediata quando comparada com outras entidades de uma mesma família, resultando no fenômeno terminológico da variação denominativa.

É sabido que a Teoria Geral da Terminologia (TGT) proposta por Eugene Wüster, teoria dominante até a década de 80, defendia a biunivocidade na relação entre o termo e o conceito, excluindo toda e qualquer forma de variação. Entretanto, o reflorescimento dos estudos terminológicos ocorrido durante a década de 90 aponta para o caráter dinâmico dos termos e a necessidade de novas propostas que refletissem a complexidade advinda do funcionamento das unidades especializadas em seu contexto real de uso, isto é, dentro do discurso especializado. A esse respeito, Cabré (1999) atenta para a proximidade entre os termos e as palavras, constatação essa que justifica a proposta de explicá-los a partir de uma mesma teoria linguística, porém sem deixar de reconhecer as particularidades semânticas e de uso dos termos. Segundo a autora, a diferença entre termos e palavras recai sobre aspectos pragmáticos, sobretudo em relação aos usuários, à situação de uso, à temática que veiculam e o tipo de discurso em que ocorrem.

Entendendo que os termos são ao mesmo tempo unidades linguísticas, de conhecimento específico e de comunicação especializada, a autora acima mencionada defende que uma teoria que explique seu funcionamento necessita considerar todos esses aspectos. Uma vez admitido que a variação é característica de todo processo de comunicação, fica evidente que também nas terminologias esse fenômeno estará presente, resultado da diversidade entre as línguas, das diferenças em se compreender um mesmo conceito, entre outros. Assim, o princípio da variação é um dos elementos que fundamentam a Teoria Comunicativa da Terminologia (Cabré, 1999), que assume a existência de dois

tipos de variação terminológica: a variação originada de heterogeneidades no plano do conteúdo, a chamada variação conceitual, e a variação localizada no plano das denominações, a chamada variação denominativa (Freixa, 2002), a que realmente interessa neste estudo.

No tocante especificamente à terminologia da *fauna* e da *flora*, para a explicação do fenômeno da variação denominativa é de grande valia a atuação dos mecanismos psicocognitivos, que influem na percepção, na compreensão e na categorização da realidade. Sustentamos que uma das causas determinantes desse fenômeno é a diferença de pontos de vista entre indivíduos que categorizam um mesmo conceito. Tais indivíduos, salientamos, apresentam diferentes níveis de conhecimento sobre a espécie, relacionam-se com ela de forma distinta, além de representar diferentes papéis na sociedade que integram. Assim, um habitante de uma comunidade localizada próxima ao hábitat da espécie fará uso de recursos que discriminem aspectos de sua convivência, tais como a importância da espécie para a economia da comunidade. Por outro lado, um apreciador na natureza, ou interessado por determinados grupos de animais ou plantas, irá utilizar características que se mostrem mais evidentes para a sua distinção. Já um especialista utilizará os pressupostos taxológicos, de modo a demonstrar sistematicamente sua distinção entre outras espécies de uma mesma família. Nesse aspecto, a cultura, o nível de conhecimento e os interesses do indivíduo, ou até mesmo suas intenções, exercem papel fundamental na configuração da terminologia e no grau de variação.

Sem dúvida, em seu real contexto comunicativo os conceitos são formalmente expressos por termos formados a partir de fatores motivadores que remetem a aspectos diferentes do conceito e, conseqüentemente, apontam para uma determinada compreensão dele. No que tange especificamente à comunicação entre culturas, sublinhamos que, ao contrário do que se espera, a tradução da terminologia em foco não é uma prática culturalmente neutra, uma vez que implica no reconhecimento do valor terminológico de tais itens, da sua correspondência conceitual e do nível de especialização de discurso em que são utilizados. Por fim, salientamos que o fenômeno da variação denominativa torna-se responsável pela harmonização entre os níveis de conhecimento dos interlocutores numa dada situação discursiva, além de possibilitar a divulgação do saber tecnológico e científico. Com efeito, as variantes denominativas expressam a dinamicidade inerente à linguagem, além de sua mutabilidade decorrente da própria diversidade social, linguística e geográfica da comunidade que as utiliza.

### **Análise da correspondência da terminologia da *fauna* e da *flora* entre as línguas portuguesa e italiana**

Como dito anteriormente, este trabalho resulta de nossa tese de doutorado (Martins, 2017), que parte do pressuposto de que a realidade é representada de forma distinta pelas diferentes culturas e de que a proximidade entre o homem e a espécie influi no modo como o primeiro identifica e denomina esta última, podendo resultar no fenômeno da variação denominativa. Desse modo, examinamos o uso dos nomes de cores para a ampliação da terminologia em questão a partir de uma perspectiva intercultural.

Importa clarificar que para as conclusões apresentadas a seguir derivam, em primeiro lugar, da comprovação da existência das expressões cromáticas especializadas em língua portuguesa por meio de um levantamento realizado em dois dicionários gerais, a saber, o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss, 2009) e o *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (Ferreira, 2010) disponíveis em CD-Rom. Tal levantamento tem sido complementado com a pesquisa em dicionários especializados (em formato impresso ou eletrônico), além de bases de dados disponíveis on-line, bem como sites da área, fóruns e blogs. Em segundo, das informações fornecidas pelo *Corpus Web*, por meio do qual validamos esses nomes comuns em língua portuguesa, bem como buscamos seus correspondentes em língua italiana. Para tanto, utilizando o buscador google.it, inserimos o nome científico mais atual da espécie para então chegarmos ao(s) seu(s) nome(s) comun(s), verificando a (não) ocorrência também nessa língua da variação denominativa. De um modo geral, o *Corpus Web* permitiu a identificação e a validação da correspondência, a frequência de cada variante, bem como seu grau de especialização, que considerada seu contexto de uso. Isso exposto, seguimos com a análise da correspondência.

### *Formas de manifestação da correspondência*

Para a nossa investigação, consideramos um elenco de aproximadamente cento e cinquenta espécies que originou um inventário composto por mais de oitocentos nomes comuns em língua portuguesa, sendo mais de duzentos deles formados por nomes de cores. Constatamos que a vulgarização ocorre em português i) por meio de um único nome comum formado por nome de cor, ou ii) com a ocorrência da variação denominativa. Neste caso, a) pode haver tanto a utilização de um único nome de cor, b) quanto de dois ou mais nomes cores, a depender da região física da espécie que mais se sobressai.

Para os casos em que se verifica a presença de um único nome comum em português, a língua italiana pode optar 1) pela correspondência única com a utilização do mesmo subdomínio cromático; 2) pela correspondência única sem a utilização do subdomínio cromático; 3) pela variação denominativa com a utilização de um único subdomínio cromático, sendo este correspondente; 4) pela

variação denominativa com o uso de um subdomínio cromático distinto; e 5) pela variação denominativa sem o uso do nome de cor.

Em contrapartida, para os casos em que ocorre a variação denominativa em português, porém com a presença de um único subdomínio cromático, temos em língua italiana 1) a variação denominativa com a presença de um subdomínio cromático correspondente; 2) a variação denominativa com o uso de um subdomínio cromático distinto; 3) a variação denominativa sem o uso do nome de cor; 4) a correspondência única com a presença da mesma realidade cromática; 5) a correspondência única sem o uso do nome de cor; 6) a correspondência zero. Já para os casos de variação denominativa em que ocorrem diferentes subdomínios cromáticos, a língua italiana opta 1) pela variação denominativa com a co-ocorrência de subdomínios cromáticos também correspondentes; 2) pela variação denominativa com a correspondência de um único subdomínio cromático; 3) pela correspondência única com a utilização de um mesmo subdomínio cromático; 4) pela correspondência única sem a utilização do nome de cor; 5) pela correspondência zero. Exemplificamos e resumimos os casos expostos no quadro que segue

**Quadro 1 - A correspondência da terminologia da fauna e da flora em português e italiano.**

casos	nome científico	português	italiano	casos
Um único nome comum formado por um item cor.	<i>Euterpe oleracea</i> var. branco	açaí-branco	açaí bianco	correspondente único; = realidade cromática
	<i>Mimosa arenosa</i> (Willd.) Poir.	jurema-vermelha	sefora	correspondente único; - nome de cor
	<i>Iguana iguana</i> (L., 1758)	iguana-verde	iguana verde/iguana comune/iguana dai tubercoli	variação denominativa; = realidade cromática
	<i>Chromis multilineata</i> (Guichenot, 1853)	donzela-marrom	Castagnola nera, Castagnola, Guerracino	variação denominativa; ≠ realidade



	<i>Amazona brasiliensis</i> (L., 1758)	papagaio-de-cara-roxa	amazzone codarossa, Amazzone coda rossa, amazonia a coda rossa	cromática
	<i>Vachellia farnesiana</i> (L.) Wight & Arn.	acácia-amarela	gaggia, acacia	variação denominativa; - nome de cor
variação denominativa; um único subdomínio cromático	<i>Chiropotes satanas satanas</i> (Hoffmannsegg, 1807)	cuxiú-preto, cuxiú-negro, cuxiú-comum, cuxiú-judeu	saki dalla barba nera, chiropote satanasso, scimmia satanasso	variação denominativa; = realidade cromática
	<i>Cebus xanthosternos</i> (Wied-Neuwied, 1826)	macaco-pregodo-peito-amarelo, macaco-de-bando	cebo testabruna, cebo dal ventre dorato	variação denominativa; ≠ realidade cromática
	<i>Caiman latirostris</i> (Daudin, 1802)	jacaré-do-papo-amarelo, aruá, arurá, caimão, ururau	caimano dal muso largo, alligatore muso largo, caimano brasiliano	variação denominativa; - nome de cor
	<i>Kajikia albida</i> (Poey, 1860)	marlim-branco, agulhão-branco, agulhão, agulhão-de-prata, bicuda	marlin bianco	correspondente único; = realidade cromática
	<i>Lithraea molleoides</i> (Vell.) Engl.	aroeira-branca, aroeira-brava, aroeira-de-capoeira, aroeirinha, bugreiro, aroeira-do-brejo	aruera	correspondente único; - nome de cor
	- <i>Ocotea pulchella</i> (Nees & Mart.) Mez	- canela-preta, canela-do-brejo, canelinha, canela-lageana	—	correspondência 0

variação denominativa; mais de um subdomínio cromático	<i>Thunnus thynnus</i> (L., 1758)	atum-vermelho, atum-de-barbatana-azul, atum-azul, albacora-azul, atum-verdadeiro, atum-legítimo	tonno rosso, tonno pinna blu	variação denominativa; = realidade cromática
	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	araçá-vermelho, araçá-rosa, araçá-de-coroa, araçá-de-comer, araçá-comum, araçá-da-praia, araçá-do-campo, araçá-do-mato, araçazeiro, araçá-amarelo, araçá	guaiabo rosso, guava fragola	variação denominativa; = realidade cromática
	<i>Pteroglossus aracari</i> (L., 1758)	araçari-de-bico-branco, aracari-pescoço-preto, aracari-da-mata, aracari-de-minhoca, aracari-minhoca, tucano-de-cinta, camisa-de-meia, aracari-de-bico-marfim	aracari collonero	correspondente único; = realidade cromática
	<i>Peltogyne confertiflora</i> (Mart. ex Hayne) Benth.	pau-roxo, coataquiçauá, coataquiçava, coraci, quarabu, guarabu, mulateiro-da-terra-firme, pau-roxo-da-caatinga, pau-roxo-da-várzea, pau-roxo-da-terra-firme, pau-violeta, violeta, roxinho	amaranto	correspondente único; - nome de cor

	<i>Cecropia hololeuca</i> Miq.	embaúba-branca, embaúva-branca, embaúba- prateada, embaúva-preta, umbaúba-branca	—	correspondência 0
--	-----------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------	---	----------------------

### *Análise morfossintagmática da terminologia da fauna e da flora em português e italiano*

Tomando por base Cabré (1993), para quem os termos podem ser classificados segundo 1) sua forma, 2) a função que desempenha no discurso, 3) a classe de conceitos que denominam e 4) sua procedência linguística, determinamos que a terminologia da *fauna* e da *flora* pode ser classificada:

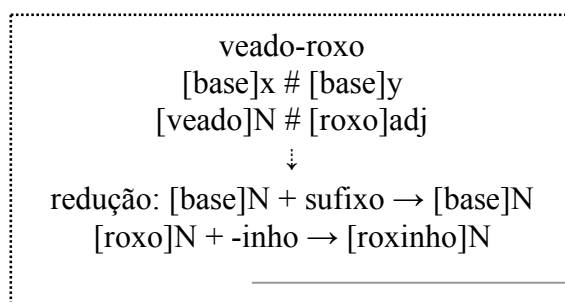
- A. pelo viés formal: como unidades simples, cuja formação pode ocorrer por derivação ou composição, ou complexas, havendo a combinação de itens que obedece a uma estrutura sintática.
- B. pelo viés funcional: como unidades enquadradas no interior da classe dos substantivos.
- C. pelo viés semântico: como unidades que denominam conceitos que integram a classe dos objetos e entidades do mundo real.

Atestamos em Martins (2013) que, em língua portuguesa, as expressões cromáticas especializadas pertencentes à Zoologia e à Botânica se encaixam no conjunto das unidades complexas, formadas por meio de vocabulários já cristalizados, a saber, o campo lexical dos animais/plantas juntamente com o campo das cores. Nesse processo, a propriedade física influencia diretamente suas escolhas, pois o indivíduo, para memorizar uma realidade, acrescenta a unidades já cristalizadas modificadores que ressaltam os traços que diferenciam uma espécie de outras de mesma família. Além disso, averiguamos que tais itens apresentam associações sintagmáticas cujo núcleo é, geralmente, um adjetivo ou um nome e suas estruturas gramaticais são variadas, como pode ser observado no quadro abaixo:

**Quadro 2 - Estruturas gramaticais na formação das expressões cromáticas da Botânica e da Zoologia segundo Martins (2013).**

<b>Para a Zoolo- gia</b>	SN → nome + prep + SN (nome + adjetivo (cor))	tartaruga-de-orelha-amarela, beija-flor-de-gravata-vermelha, tucano-de-bico-vermelho
	SN → nome (verbo + nome) + adjetivo (cor)	pica-pau-vermelho
	SN → nome (verbo + nome) + prep + SN (nome + adjetivo (cor))	beija-flor-de-barriga-branca
	SN → nome (cor) + prep + SN (nome + adjetivo)	azulão-de-cabeça-encarnada
	SN → nome + adjetivo (cor)	anu-branco, coruja-branca, gralha-branca
<b>Para a Botâni- ca</b>	SN → nome + adjetivo (cor)	araçá-vermelho, açucena-branca, guarabu-branco
	SN → nome (cor) + nome/adjetivo	anil-trepador, rosa-louca
	SN → nome + prep + SN (nome + adjetivo (cor))	coroba-de-flor-verde, jabuticaba-de-polpa-rosa

Cabe ressaltar que em alguns casos o nome de cor deixa de enfatizar uma característica da espécie, passando a assumir uma designação comum no interior de uma família, como é o caso de ‘azulão’, em ‘azulão-de-cabeça-encarnada’. Desse modo, temos que o nome de cor, geralmente utilizado como adjetivo, por conversão e com o acréscimo de um sufixo aumentativo, passa a ser empregado como um substantivo. Caso similar ocorre com a espécie *Mazama nemorivaga* F. Cuvier, 1817, conhecida popularmente como ‘veado-roxo’. Nesse exemplo, o nome de cor ‘roxo’ também por conversão deixa de ser utilizado como adjetivo e passa a assumir a categoria de substantivo. Contudo, a unidade complexa é reduzida por uma forma simples, a saber, ‘roxinho’, cuja formação se dá pelo acréscimo do sufixo diminutivo -inho.



No que diz respeito especificamente aos correspondentes em italiano formados por nomes de cores, a análise de sua composição nos permitiu estabelecer padrões de estrutura sintagmática descritos no quadro que segue:

**Quadro 3 - Estruturas gramaticais na formação das ECEs da Zoologia e da Botânica em língua italiana.**

	<b>Estrutura sintagmática</b>	<b>ECE em língua italiana</b>	<b>ECE em língua portuguesa</b>
<b>Para a Zoologia</b>	SN → N + [Adj (cor) + N]	<i>Titira codanera</i>	<i>Anambé-branco-de-rabo-preto</i>
	SN → N [Adj (cor) + Adj(cor)]	<i>Ara gialloblu</i>	<i>Arara-azul-e-amarela</i>
	SN → N + [Adj (cor) + conj + Adj(cor)]	<i>Ara blu e gialla</i>	<i>Arara-azul-e-amarela</i>
	SN → N + prep + N(pl) + Adj (pl)	<i>Ara delle ali verdi</i>	<i>Arara-de-asa-verde</i>
	SN → N + [N + Adj(cor)]	<i>Tonno pinna gialla</i>	<i>Atum-amarelo</i>
	SN → N + Adj(cor)	<i>Tonno bianco</i>	<i>Atum-branco</i>
	SN → [N + Adj(cor)] + [prep + N (origem)]	<i>Delfino rosa di fiume</i>	<i>Boto-cor-de-rosa</i>
	SN → [N + Adj (cor)] + [prep + N + Adj (origem)]	<i>Delfino rosa d'acqua dolce</i>	<i>Boto-cor-de-rosa</i>
	SN → [N + N + Adj(cor)] + [prep + N + Adj(cor)]	<i>Tartaruga palustre nera dal collo spinoso</i>	<i>cágado-preto</i>
	SN → N + [prep + N + Adj(cor)]	<i>Chiropote dal naso bianco</i>	<i>Cuxiú-de-nariz-branco</i>
	SN → [N + prep + N] + [N + Adj(cor)]	<i>Ferro di lancia coda bianca</i>	<i>Jararaca-vermelha</i>
	SN → [N + Adj(cor)] + [N + Adj(cor)]	<i>Tiranno Nero beccoblu</i>	<i>Maria-preta-de-bico-azulado</i>

	SN → N + Adj(cor) + Adj (origem)	<i>Perca gialla americana</i>	<i>Perca-amarela</i>
	SN → [N + Adj(cor)] + N	<i>Scimmia Bianca- uakari</i>	<i>Uacari-branco</i>
<b>Para a Botânica</b>	<b>Estrutura sintagmática</b>	<b>ECE em língua italiana</b>	<b>ECE em língua portuguesa</b>
	SN → N + Adj(cor)	<i>Abete bianco</i>	<i>Abeto-branco</i>
	SN → N + [prep + N + Adj(cor)]	<i>Acácia a legno nero</i>	<i>Acácia-negra</i>
	SN → Adj(cor) + prep + N	<i>Branca del orso</i>	<i>Branca-ursina</i>
	aglutinação	<i>brancorsina</i>	<i>Branca-ursina</i>

Assim, podemos observar que:

1. Tal como em português, em italiano a cor pode fazer referência a uma parte específica da espécie, por exemplo, *tartaruga dalle orecchie rosse*.

2. Nessa língua, o item cor também é utilizado genericamente, sem que seja especificada a parte que comporta a característica distintiva, por exemplo, *cacatua bianco* e *zucca bianca*. Tal estrutura é a mais frequente dentre as expressões cromáticas especializadas, tanto para a língua portuguesa, como para a língua italiana.

3. Uma mesma espécie pode ser denominada por diferentes expressões cromáticas especializadas que variam numa escala de especificidade das informações nelas contidas, por exemplo, *ara rossa e verde - ara dalle ali verdi; delfino rosa - delfino rosa di fiume - delfino rosa d'acqua dolce*.

4. Como dito anteriormente, as especificidades culturais influenciam no grau de lexicalização e na compacidade das expressões cromáticas especializadas. Por conseguinte, muitas dessas expressões assumem o formato de uma explicação da espécie. São exemplos, *delfino rosa di fiume* e *tartaruga palustre nera dal collo spinoso*.

Em suma, a multiplicidade de variantes denominativas, sendo elas compostas ou não por nomes de cores, especificando as características físicas das espécies, demonstra a variedade de recursos linguísticos utilizados para a ampliação vocabular, inclusive para a criação das terminologias, em especial, da *Fauna* e da *Flora*.

## Considerações finais

Como dito nas páginas anteriores, partimos do pressuposto de que a proximidade entre o ser humano e a espécie contribui para a ocorrência da variação denominativa. Com efeito, uma grande parte das espécies catalogadas em nosso trabalho ou é nativa de um dos biomas compreendidos pelo território brasileiro, ou é originário da América do Sul, especificamente, do bioma amazônico. Tal fato é refletido na terminologia da área, pois, dentre as espécies trabalhadas, aproximadamente trinta não apresentam nomes comuns em italiano.

No que tange ao uso dos nomes de cores para a formação dos correspondentes, os casos de correspondente único composto por item cor são escassos; em contrapartida, entre os casos de múltiplos correspondentes, os grupos em que coexistem expressões compostas e não compostas por nomes de cores prevalecem. Se considerarmos, entretanto, o número total de unidades lexicais especializadas envolvidas nesse estudo, a discrepância entre as línguas é muito maior, visto que em português temos um conjunto formado por mais de oitocentos itens, cerca de duzentos formados por nomes de cores; em contrapartida, em italiano esse número cai para para 270, sendo apenas 90 formados por nomes de cores.

Sem dúvida, o distanciamento entre as realidades categorizadas por essas duas culturas faz com que a criação de variantes não aconteça ou até mesmo seja dispensável na língua em questão. Contudo, muitas das espécies que apresentam um único nome comum em português, a expressão cromática especializada, não são nativas da América. Percebemos que nesses casos ocorre em italiano a variação denominativa, o que confirma a suposição de que a proximidade ao meio em que ocorre a espécie influencia na criação de nomes comuns.

Por fim, do exposto nas seções dedicadas à abordagem teórica seguida para este estudo, enfatizamos o papel do léxico na representação cultural e identitária de um povo. Sendo as terminologias microssistemas que integram o léxico de uma língua, torna-se evidente o reflexo na sua formação nas diferenças de visão de mundo. Por sua vez, a tradução, ênfase para a sua vertente especializada, tem o papel de mediar a comunicação entre culturas, preservando a pluralidade, a identidade e a ideologia manifestadas por meio das terminologias. Logo, o estudo comparativo sobre a formação terminológica, como o executado nestas páginas, evidencia a complexidade que essa prática social envolve.

## Bibliografía

- ARCAINI, E. *Analisi linguistica e traduzione*. Bologna, Patron, 1991.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, 2010.
- BERLIN, B. – KAY, P. *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Berkeley, University of California Press, 1969.
- BIDERMAN, M. T. C. “O conhecimento, a terminologia e o dicionário”. *Ciência e Cultura*, Campinas, v. 58, 2006. (35-37).
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística*. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- CABRÉ, M. T. *La Terminologia: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- CABRÉ, M. T. *La terminologia: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona, Editorial Antártida/Empúries, 1993.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4. ed., rev. e aum. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1974.
- ECO, U. *Quase a mesma coisa*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2007.
- FREIXA, J. *La variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient*. 2002. 569 f. Tesi Doctoral (Doctorat en Variació en el Llenguatge)- Departament de Filologia Catalana, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2002. Disponível em: <http://www.tdx.cat/handle/10803/1677> [20/10/2015].
- GARRIDO, C. “Traducción de los nombres vernáculos ingleses de animales en los textos de divulgación científica” in BEEBY, A.; ENSINGER, D.; PRESAL, M. *Investigating Translation*. Amsterdam J. Benjamins, 2000. (251-260).
- LEE, P. *The Whorf Theory Complex: A Critical Reconstruction*. Amsterdam, J. Benjamins, 1996.
- MARTINS, S. C.. *Proposta de uma base de conhecimento multilíngue online de expressões cromáticas da fauna e da flora*. 2017. 419 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2017.
- MARTINS, S. C. *Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da fauna e flora*. 2013. 220 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)-Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2013.



- MARTINS, S. C. – ZAVAGLIA, C. “Dicionários especiais: uma ponte para divulgação e transmissão dos saberes” in *Groupe de Linguistique Appliquée des Télécommunications (GLAT)*. Gênova, *GLAT-Genova*, 2012. (309-319).
- SILVA FILHO, S. C. “Análise e descrição da variação conceptual a partir do corpus de especialidade” in *Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL)*, 9., 2010, Palhoça. *Anais...* Palhoça, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.  
<http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Sebastiao%20Silva%20Filho.pdf>.
- WHORF, B. L. *Language, Thought and Reality: Selected Writing*. Edited and with an introd. by John B. Carroll. Cambridge, Technology Press of Massachusetts Institute of Technology, 1956.
- ZAVAGLIA, C. *Os cromônimos no italiano e no português do Brasil: uma análise comparativa*. 1996. 264 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

**Sabrina de Cássia Martins**

É graduada em Letras - Tradutor pela UNESP/IBILCE de São José do Rio Preto - São Paulo/Brasil; doutora em Estudos Linguísticos pela mesma instituição, atuando nas áreas de Lexicografia e Terminologia.

Contacto: [sabrismartins@gmail.com](mailto:sabrismartins@gmail.com)

**Recebido:** 16/05/2017

**Aceito:** 14/02/2018